

Ponto de vista



Evaristo Eduardo de Miranda

As discussões sobre a campanha eleitoral ao seu lado não sensibilizavam o jovem W... O fato de que os membros de sua igreja evangélica não estivessem junto com ele naquele momento solene, pois o consideravam um desviado – o que é pior do que parado no trilho do Senhor –, também não o perturbava. Nem as lágrimas de sua esposa, evangélica, grávida de quatro meses de seu primeiro filho, haviam sido suficientes para comovê-lo e tirá-lo daquele imobilismo. As vinte e oito balas de chumbo em seu corpo, disparadas a queima roupa por várias mãos, o tornaram muito pesado. Como uma âncora, ele parecia agarrado ao fundo do singelo caixão doado pela Prefeitura. É um caixão reservado aos in-

Lição de vida

digentes e às famílias sem recursos para pagar o enterro. Pequenas elevações em sua cabeça, como uma coroa, eram o resultado de várias balas que pareciam querer brotar.

Parte da família veio avisar com diligência sectária que ele não era católico. Melhor não rezar ou orar. Aquilo tudo não agradava a Deus. O Senhor ama a justiça e a santidade. O que ocorrerá com W estava muito distante de Deus. Melhor nem aproximar-se do caixão. Melhor ficar lá fora. Por outro lado, constatavam que o pastor ou ancião não vinha, nem a comunidade, porque ele andava "desviado". Sobre W, abatia-se um julgamento sectário e inapelável. Não haverá culto, nem funeral. Julgado pelos homens, W agora enfrentará o julgamento de Deus.

Alguns tentam explicar o desvio de W. Sabiamente, desistem e calam-se. Difícil falar essas coisas na frente do W, silencioso e rígido daquele jeito. Alguém tenta explicar, discretamente, quem ele era. Antes de pronunciar suas justificativas, o ministro católico das exéquias toma a palavra e diz que já sabia quem ele era: era um filho de Deus. Um ser humano. Uma pessoa. Um pobre entre os pobres. Era um jovem, um esposo, com uma vida inteira pela frente, quase prestes a ser pai. Perdido de si, perdido de nós. Perdido por nós.

Diante dessas palavras, as irmãs de W., católicas, pedem os funerais cristãos oferecidos pela pastoral das exéquias. Sua esposa questiona e põe em dúvida a validade do funeral. W. segue indiferente. As duas autoridades familiares, uma pela linhagem e

outra pela do matrimônio, discutem. Uma frase de bom senso emerge: Deus é um só. O W também era um só. Cada um de nós é um só. Um diálogo ocorre entre o ministro e a esposa de W. Ela aceita a celebração (senão... não haverá nenhuma). A Igreja adapta o ritual, para acolher a todos – falecido e comunidade – de forma ecumênica e caridosa.

O ministro anuncia aos presentes que estão diante da imagem de dois assassinados. Eles olham em volta. Procuram quem mais, além de W., havia sido assassinado. O ministro aponta para a cruz e o crucificado, colocados (jogados) num canto da sala por algum iconoclasta assustado e de plantão. A Igreja lembra: Jesus não morreu de doença, nem de velhice. Foi assassinado. Injustamente. Fora de lugar. Fora de hora. O fundador da nossa Igreja morreu assassinado: pela intolerância, pela incompreensão, pela estranha sede de justiça de alguns. A Igreja Católica sabe do que está falando. São séculos de mártires e vítimas da violência. W. não foi o primeiro assassinado no Cemitério N. Sa. da Conceição. Nem o único, nem o último. A Igreja sabe do que está falando e, para surpresa de muitos, está à vontade naquela situação.

O ministro explica que Nossa Senhora, a Virgem Maria, a mãe de Jesus, sabe o que a mãe de W. está sofrendo. Já passou por isso, a Mater dolorosa. Ela também perdeu um filho, assassinado. Os amigos de Jesus – João, Pedro, Tiago... – também entendem a dor dos amigos de W.

Aos amigos que vieram dizer adeus, dar o último adeus, a Igreja os convida, juntos, a dar a Deus. Com a oração do Pai Nosso, cercado por mãos abertas e voltadas para os céus, W. é entregue nas mãos de Deus. São mãos melhores do que as nossas.

No final da celebração (sem Ave Maria, nem água benta), o restinho de Israel ali presente, carinhosamente, aproxima-se de W. e cerca o corpo do irmão falecido. O ministro lembra que a hora de nossa hora é uma perlumada floração, marca a passagem do tempo novo e o início do tempo definitivo. Em tudo aquilo há uma lição de vida e de morte. Deus não é justo conosco. Ele é mais do que justo. Ele é bom e é um Pai de infinita misericórdia. A celebração encerra-se com as palavras do apóstolo Paulo: "Nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo. Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor (1Rm 14, 7-9)".

A esposa e outras pessoas haviam deixado a sala, desde o início da celebração. Outros foram retirando-se, aos poucos. Sua fé não lhes permitia ficar ali, disseram. Diante dos que rezam e dos que tiram-se, W. segue impassível.

➤ **Evaristo Eduardo de Miranda. Membro do Instituto Ciência e Fé, pesquisador da Embrapa e ministro das exéquias.**

Campanha de Natal

A Creche Ana Proveller aceita doações para a Campanha de Natal de suas 100 crianças. São aceitas doações em cestas básicas, alimentos não-perecíveis e doações em espécie para pagamento de folha de pagamento e encargos sociais de 14 funcionários da creche, incluindo 13º Salário e férias.

Para doações, ligue para (41) 244-5059 ou (41) 364-1128 que o Instituto Ciência e Fé, provedor da Creche Ana Proveller, vai buscar a sua doação.

AJUDE-NÓS PARA QUE POSSAMOS CONTINUAR MANTENDO ESSE TRABALHO DE AMOR O ANO TODO.

